

**POLA LEI**

**POLA GREI**

NO JORNAL

**A FRANQUEIRA**

N.º 10, de 15/2/1946

**PUBLICOU-SE O SEGUINTE:**



Publicação de 1946

REVISTA

REVISTA

NO JORNAL

A FRANQUEIRA

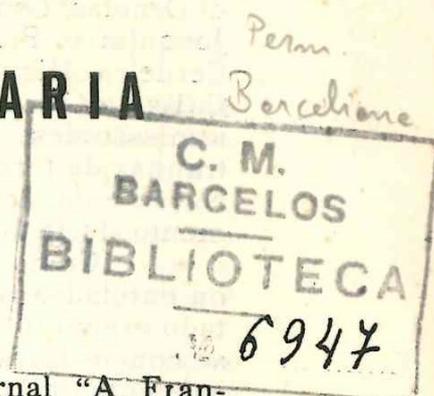
N. 10 de 1946

Publicação de 1946



# GRUPO ALCAIDES DE FARIA

## RELATÓRIO



Resolveu o muito digno corpo redatorial do Jornal "A Franqueira,"—Orgão da Confraria—, dedicar o seu número de Fevereiro do corrente ano, à celebração da passagem do 573 aniversário do cerco ao Castelo de Faria e consequentemente, ao heroico sacrifício do seu Alcaide, acto tão sublime que enobrece esta Pátria e enche de orgulho todos os habitantes do nosso concelho, contituído pelas antigas Terras de Faria.

E' o jornal "A Franqueira," defensor inequívoco dos interesses espirituais, morais e materiais, daquela inconfundível altitude que, além de fonte inexaurível para investigações históricas, arqueológicas e científicas duma civilização milenária, é santuário de Honra e Lealdade Portuguesas, e ainda onde se erguem altares para se venerar e prestar culto à Mãe de Deus, desde o alvorecer da Nacionalidade, fundada e consolidada sempre pela acção conjunta da espada e da cruz.

Como não podia deixar de ser, a Direcção desta colectividade, ao mesmo tempo que agradece muito penhorada tão cativante e oportuna manifestação de gratidão prestada à memória dos bons e generosos Alcaides do Castelo de Faria, também entendeu pedir o consentimento da sua colaboração que, uma vez tão amavelmente autorizada, vai consistir em deixar arquivado nas colunas deste Jornal um relato sucinto da modesta actividade deste Grupo, que se fundou para glorificar e sublimar a memória dos grandes e imorredoiros Alcaides do Castelo de Faria.

### Homenagem Póstuma

Desde 1929 a 1946, o Presidente Honorário Ex.mo Snr. Marquês de Faria, alguns dos Sócios Fundadores, Sócios de Mérito e Sócios Contribuintes, desapareceram do convívio dos vivos e portanto esta Direcção a todos quer aqui patentear a sua mais enternecida e comovida saudade e o mais íntimo desejo de que Deus a todos tenha em eterno descanso. A mesma comovida saudade deseja aqui expressar a memória dos sodosos Snrs.: Engenheiro Rui de Serpa Pinto, distinto arqueólogo e Dr. Manuel Barbosa, dedicado médico e vogal da Junta G. do D., dos quais este Grupo recebeu relevantes serviços.

### Saudação e Agradecimento

Também desde 1929 a 1946, recebeu este Grupo, das Ex.mas entidades, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Câmara Municipal de Barcelos, Associação Comercial de Barcelos, Junta Geral do Distrito, Secção de Antropologia da Universidade do Porto, e dos Ex.mos Senhores Profs., Drs. Mendes Correia, Damião Peres, Santos Junior, e dos Ex.mos Senhores, Major Mancelos Sampaio, Afonso

d' Ornelas, Conde de Vilas Boas, António de Machado Faria, Tenente Joaquim S. Pais de Vilas Boas, Engenheiro Alvaro de Lima, Eleutério Cerdeira, Miguel Gomes de Miranda, Dr. Adélio Marinho e Rogério Caiás de Carvalho, valiosíssimos auxiliares que, em muito suavizaram a missão deste Grupo na espinhosa e árdua tarefa de arrancar das entranhas da terra as mais transcendentes verdades históricas, a Bem da Nação e da Grei, pelo que se tornaram credores do muito reconhecimento deste Grupo e da perdurável gratidão das suas Direcções.

Como de muitos é sabido, em várias épocas, diferentes pessoas ou entidades realizaram escavações no local onde a lenda dizia ter estado erecto o Castelo de Faria. Todavia nunca as referidas pesquisas se concretizaram na descoberta de qualquer parcela de obra de arte existente, de fragmento cerâmico, objecto utilitário ou de moedas coevas, o que, agora, se tem verificado lá existir e em apreciável quantidade.

Como diz a sabedoria popular, *os mortos mandam*, e como ainda há Portugueses que sabem cumprir, no dia 3 de Novembro de 1929, um punhado de homens de todas as categorias sociais, de Barcelos ou aqui acidentalmente residentes, resolveram fazer uma excursão à Franqueira, com prévia escalada pelo local onde a lenda ou crença popular dizia ter existido o Castelo de Faria.

Já no local e depois de curiosa observação ao terreno quase só constituído por pedra solta e vegetação selvática, misteriosamente impelidos, os presentes conjuraram-se na mesma vontade para que ali se realizassem novas e amplas escavações, a expensas dos presentes e de quem quisesse concorrer para aquelas investigações.

De regresso, e já na cidade, cada um foi pensando em corporizar e ampliar a ideia de, ao mesmo tempo que se iam fazer as investigações no local do Castelo, também se fizesse alguma coisa pelo Santuário da Franqueira, pois todos eram unânimes em reconhecer que o progresso daquela altitude não podia estar confinado unicamente às gentes da freguesia de Pereira, que por si só nada podia fazer, nem fazia.

Desta ordem de ideias e para livre e legal direito de reunião, foram os conjurados elaborando uns estatutos, com programa de trabalho anexo, os quais denominaram: Estatutos do Grupo Alcaides de Faria Pro-Franqueira, que foram aprovados pela autoridade superior do Distrito, em 10 de Maio de 1930.

Iniciadas as investigações sob a fiscalização diária dum dos conjurados, logo começaram a aparecer os restos das velhas e vestidas muralhas: Moedas medievais, ferraduras, freios, ferro de limpeza de cavalos, acicates de cavaleiros, cotas de malha, pontas de dardos, lanças e muitos outros objectos de uso pessoal, doméstico e de combate, merecendo especial destaque o aparecimento, junto da Torre de Menagem, de vinte e seis pelouros de catapulta e alguns milhares de seixos, que para ali foram levados com objectivos ofensivos e defensivos, pois, no local e cercanias, não existem no sub-solo.

Estes achados valiosíssimos vieram enfim atestar a existência ali dos restos do importante baluarte medieval, que a valentia e heroidade de Nuno Gonçalves e de seu filho Gonçalo Nunes, para todo o sempre — haviam de immortalizar.

Ainda mais, o aparecimento de substanciais munições, apreciável quantidade de cereais carbonizados (trigo, centeio, fava céltica, milho miúdo) em dois locais, confirmam, que de facto aquela fortificação foi incendiada em pleno assédio, como referem os cronistas da época.

O benemérito barcelense, Ex.<sup>mo</sup> Snr. Miguel Gomes de Mi-

randa, ofereceu o primeiro subsídio de Escudos 500\$00, para a continuação das escavações e a Comissão de Melhoramentos da Franqueira entregou toda o saldo que possuía no total de Escudos 578\$50.

A Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Barcelos também subsidiou com Escudos 3.000\$00, e o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marquês de Faria, de saudosa memória e Ex.<sup>ma</sup> Duquesa de Amstrong ofereceram ao Grupo o importante donativo de Esc. 6.000\$00.

Entretanto, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manuel Barbosa, já saudosamente desaparecido, também conseguiu que a Junta Geral do Distrito subsidiasse o Grupo com Esc. 3.000\$00 e, assim, foi possível ir ampliando as escavações e enriquecendo o já valioso espólio encontrado.

Vinha este Grupo prestando já um serviço a Barcelos e à História Pátria, mas entendeu que devia fazer mais e melhor e, assim, em 1929 e em 1930, pediu à Ex.<sup>ma</sup> Autoridade Administrativa a nomeação de uma Comissão Administrativa para a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, a qual veio a ser nomeada, sob a presidência do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Graça Faria.

Pelo ofício número 7, solicitou este Grupo ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Câmara o levantamento topográfico do Monte da Franqueira, o qual, mais tarde veio servir de base para o plano geral de aformoseamento, que os distintos arquitetos portuenses, Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Manuel Marques e Amoroso Lopes, elaboraram, e que está em desenvolvimento.

Simultaneamente pelo ofício número 22, de Julho de 1930, este Grupo pediu também à Repartição dos Bens Culturais do Ministério da Justiça, para ser inventariada a Igreja e o Convento, até ali indevidamente na posse de particulares, encontrando-se hoje na posse da Comissão Fabriqueira, da Freguesia de Pereira.

Como era natural e legítimo, todos os Barcelenses se encontravam possuídos do mais sã e salutar entusiasmo que atingia o máximo quando, dia após dia, eram expostos em diferentes montras de estabelecimentos comerciais desta cidade, novos achados, que vinham aumentar o já valioso espólio encontrado nas escavações e desenvolvimento.

Coincidiu este entusiasmo, aquecido ao rubro, com a esada na presidência da Câmara do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Vilas Boas, que, por intuição e temperamento próprios, ninguém excedia no desejo da Franqueira ocupar o lugar a que tem jus na escala da vida concelhia e nacional.

E assim ordenou o levantamento Topografico do Monte, concluiu a abertura da estrada e obteve a comparticipação do Estado para a pavimentação do mesmo, desde o lugar de Merecesses, até ao cemitério de Carvalhal, melhoramentos que, por ocasião do Congresso Missionário Nacional e da Peregrinação que então se realizou à Franqueira, já todos puderam observar e usufruir.

Quando tudo decorria num ambiente do mais sã prestígio para o Grupo Alcaldes de Faria e quando se encontrava nimbado daquela simpatia oficial, pública e particular, que tanto lhe suavizavam a sua grande missão, surgiu um conflito no seio da Direcção, então presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco Cardoso e Silva, incompatibilizado com a maioria dos membros da direcção que, em defesa dos interesses do «Grupo» discordaram de alguns actos praticados.

A agravar tão triste como infeliz situação, permitiram o mau gosto duma cavala política, que motivou a intervenção de facções nos destinos do Grupo, com todas as nefastas consequências que depois vieram a provocar a entrega de todo o espólio e haveres do Grupo à Ex.<sup>ma</sup> Autoridade Administrativa, que, a seu turno, houve por bem nomear depois uma Comissão Administrativa, composta pelos Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Henrique dos Santos Terroso, Flávio de Sousa Neiva e o falecido Snr. António de Sousa e Silva.

Sentindo a perda de uma obra tão auspiciosamente iniciada, Aos Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Conde de Vilas Boas e Major Mancelos Sampaio diligenciaram

obter e conseguiram a aquiescência do prestigioso e saudosíssimo Barcelense Ex.mo Snr. Dr. Teotónio José da Fonseca para, depois de prévia eleição, presidir a uma nova Direcção do Grupo, o que sem dúvida havia de integrar novamente a colectividade na plenitude do seu prestígio e do seu destino, tão prematura e indignamente comprometidos por quem devia mais alto defender e zelar os superiores interesses dum Grupo que, como este, tem por patrono os gloriosos nomes dos Alcaldes de Faria, símbolo de Honra e Lealdade!

Em 20 de Abril de 1932, tomou posse a nova Direcção da presidência do saudosíssimo Ex.mo Snr. Dr. Teotónio José da Fonseca, que logo reatou as suas comunicações com a Ex.ma Associação dos Arqueólogos Portugueses com a Câmara Municipal de Barcelos, Junta Geral do Distrito e com todos os Barcelenses de boa vontade, amante da suas terra e das suas brilhantes tradições, ao mesmo tempo que tratou de elaborar novos estatutos.

Em Dezembro de 1932, a pedido do Grupo, visitaram as Ruínas do Castelo os Ex.mos Srs. Prof. Dr. Mendes Correia, Dr. Santos Júnior, Engenheiro Serpa Pinto e foi com a mais grata surpresa — sua e nossa — que suas Ex.as pela primeira vez vieram descobrir e verificar a existência duma remotíssima povoação muito anterior à edificação do Castelo, e que talvez tivesse sido sacrificada em holocausto à edificação do mesmo, motivo por que as Ruínas do Castelo de Faria e da Citânia devem ser o mais vasto campo para estudo, neste distrito ou até no norte do País.

Intensificadas as escavações ao sul, poente e norte, estas tornam-se muito ricas em achados valiosos e curiosíssimos, desde a longínqua era da pedra lascada, até para cá do século XV.

Picos, percutores, machados pétreos (dois deles votivos, em fribolite), polidores, mós manuais, pesos de rede, cereais proto-históricos (a fava celtica epuina), etc., evocam o alvorecer da história da humanidade. E' valiosa, variada e rica a colecção de cerâmica, abrangendo a evolução de mi'énios:

Cerâmica manual de tipo eneolítico (do vaso campaniforme, anterior a 2.500 anos antes de Cristo), cerâmica da idade do ferro, produtos micáceos, *cerâmicas escuras* preliminares, depois os tons róseos *arretinos*, o alvorecer da *ornamentação* castreja, exemplares *perfurados*, toda a ingénua indústria louceira, enfim, dos povos primitivos se encontra fartamente representada!

Telhas de rebordo (*tegula*), a hemicilíndrica (*imbrex*), uma rica colecção de *cossoiros* (pesos de fuso), outra variada de pesos de tear (*pondera*), outra ainda de *tusserae* (marcas de jôgo), *lêstos*, *fundos* e *bordos* de grandes vasos, produtos com *gráfitos*, diversíssimos tipo de *ansas* (em especial um exemplar de *asa interior*), em agrupamentos de apreciação fácil manifestam a importância da *estação castreja* explorada.

Da época vincadamente romana há um *lucerna* bastante perfeita, restos de outra de fina pasta ornamentada e fragmentos grandes de muitas *ânforas*, merecendo destaque as partes duma fundição de metais.

Num conjunto privativo há importante recolha de objectos em ferro: pontas de *dardos*, ferros de *setas*, *acicates* de cavaleiro, pedaços de malha de *cervilheira*, fragmentos do punho duma *espada medieva*, lâminas de *arneses* (braçais, coxote, etc.), fivelões, chaves interessantes, etc.

Objectos de bronze, cobre e moedas; um *acus comatoriae* perfeito, *fibulas* de charneira, *aneis*, *pingentes*, *adôrnos* diversos, uma *matrix sigilar* de suspensão muito valiosa (século XV) e várias *moedas* entre elas algumas *romanas*, *dinheiros* medievais, *pilartes* de bilhão, uma *barbuda* fernandina perfeitíssima, reais brancos e pretos do século XVI, um tornez raro de D. Pedro I.

Devidamente classificado pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.: Dr. Mendes Correia, Dr. Damião Peres, Dr. Santos Júnior e Engenheiro Rui de Serpa Pinto, é este o espólio que constitui todo o recheio do Museu Alcaide de Faria, para cuja exposição muito contribuiu a dedicação e comprovação da competência do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Major Mancelos Sampaio, ilustrado sócio correspondente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Sócio de Mérito do Grupo Alcaldes de Faria, a quem sua Ex.<sup>a</sup> vem prestando os mais relevantes serviços, desde a sua fundação.

Como se torna evidente, uma obra e trabalhos desta natureza, sempre rodeados com todas as precauções e cautelas para que a mínima coisa se não perca ou estregue, e para mais realizada e administrada a 6 quilómetros de distância, necessariamente havia de custar muito esforço, dedicação, carinho, e dinheiro; da forma como se fez uso deste último elemento, vão desmonstrá-lo as contas seguintes:

### Mapa demonstrativo da Receita

Subsídios concedidos Pela Ex. <sup>ma</sup>	
Câmara Municipal de Barcelos. . . . .	16.500\$00
Subsídios concedidos pela Ex. <sup>ma</sup>	
Junta G. do Distrito. . . . .	12.000\$00
Mensalidades dos Sócios. . . . .	11.364\$57
Donativos de diversos. . . . .	7.943\$69
Donativo do Ex. <sup>mo</sup> Snr. João Gomes Pêna, para melhoramentos a executar na Franqueira . . . . .	3.000\$00
Juros Capitalizados . . . . .	2.362\$00
Produto de venda de materiais (chapa e madeira) . . . . .	279\$30
Produto de venda de Cartões de identidade. . . . .	345\$00
Produto de venda de Bandeirinhas . . . . .	33\$00
Esc. . . . .	<u>53.827\$56</u>

### Mapa demonstrativo da Despesa

Escavações, limp. e conserv. das Ruínas do Castelo e Citânia	25.431\$04
Museu, instalação e conservação . . . . .	4.752\$10
Expediente . . . . .	3.723\$04
Homenagens, recepções e conferências . . . . .	3.322\$85
Entrega à Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira . . . . .	3.000\$00
Automóveis e transportes . . . . .	2.293\$30
Despesa para o conseguimento da estrada . . . . .	596\$50
Conta—Depósito na Caixa G.D.C. e Previdência. . . . .	10.708\$73
Esc . . . . .	<u>53.827\$56</u>

Já na presidência do prestigioso e saudosíssimo Barcelense Snr. Dr. Miguel Fonseca, em 1939, pediu este Grupo ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Ministro das Obras Públicas a concessão dum subsídio para a construção da estrada para a Franqueira a fim de que, por ocasião das Comemorações Centenárias de 1940 a romagem que ali se projectava fazer pudesse ser feita em regulares condições de trânsito o comodidade.

Este pedido foi tomado em consideração e a este Grupo foi pedido um projecto e orçamento da obra a realizar. O Grupo, por seu turno, sabendo que na repartição técnica da Câmara Municipal existiam estudos preliminares do traçado, dirigiu-se à Ex.<sup>ma</sup> Câmara Muni-

cipal a pedir a assistência técnica, que, na reunião da Câmara de 7 de Outubro de 1940, foi resolvido prestar, mandando elaborar e fornecer a referida documentação.

Porém, decorridos foram cinco longos anos, sem que tal promessa fosse cumprida, apesar de constantes e insistentes pedidos verbais e por escrito.

Mas, apresentado o pedido novamente ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Mário Norton, actual e mui ilustre presidente do Município, sua Ex.<sup>a</sup> logo providenciou para que a documentação fosse entregue e o pedido novamente posto, o que este Grupo fez alvoroçadamente em Junho do passado ano, e tudo leva a supor que, dentro em breve, a estrada para o Castelo de Faria e para a Franqueira, deixe de ser uma "*via dolorosa*," por onde já nem os automóveis de a uguer querem passar.

Também em 1939, quando as escavações se iam realizar fora da zona mais rochosa e portanto onde a vegetação mais se desenvolvia, viu-se este Grupo a braços com a resistência dos proprietários que não permitiram se fizessem mais escavações.

Abertas negociações para a aquisição dos terrenos, do lado do proprietário Ex.<sup>mo</sup> Snr. Manuel Luiz Carvalho e Sousa, não foi possível chegar-se a acordo pelo elevado preço exigido.

Do lado dos herdeiros do falecido consócio Ex.<sup>mo</sup> Snr. Domingos José de Figueiredo, eram rasoáveis as condições em que se podia transacionar, mas o facto de estarem dois herdeiros ausentes, impediu que se pudesse realizar a escritura da transação.

Em tais circunstâncias, resolveu esta direcção suspender todos os trabalhos de investigação e simultaneamente pediu ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Engenheiro Alvaro Lima, para fazer o levantamento topográfico do local das Ruínas já postas a descoberto, a fim de oportunamente documentar o pedido de classificação do existente, como Monumento Nacional.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Snr. Engenheiro Alvaro Lima, Barcelense ilustre, da melhor vontade acedeu a fazer aquele trabalho, sacrificando até as suas férias que estava a gozar na sua casa de Barcelinhos, e com a aparelhagem da Câmara e a coadjuvação do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Architecto Madureira e de um cantoneiro, fez o levantamento topográfico, dentro de poucos dias, e, que representou um altíssimo serviço prestado a esta colectividade, o que mais uma vez lhe cumpre agradecer.

Obtida a planta topográfica, não se demorou esta Direcção, pelo seu officio número 119, a dirigir-se à 2.<sup>a</sup> Sub-Secção, 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação, do Ministro da Educação Nacional, a pedir a classificação de todo o existente como Monumento Nacional, para assim o Estado fazer todas as expropriações necessárias à conservação do monumento e para que seja estabelecida a indispensável zona de protecção, afim de se evitar que as Ruínas do Castelo de Faria voltem a sumir-se no pó dos tempos.

Está, presentemente, o processo affecto à Repartição do Património Nacional, da Direcção Geral da Fazenda Pública; está a correr seus trâmites e tudo leva a crer que dentro de pouco tempo os proprietários sejam indemnizados. O Estado toma posse e as investigações voltam a prosseguir orientadas e feitas a expensas do Estado? Feitas a expensas do estado e com a colaboração do Grupo Alcaldes de Faria? Não importa. O que se torna necessário e imprescindível, é que as investigações prossigam para maior enriquecimento do património histórico e arqueológico deste concelho e da Nação, que para ser bem preservado nunca será demais construir lá uma habitação e colocar no local um guarda, a totais expensas do Estado.

Tem a Direcção deste Grupo reconhecido a insuficiência do mobiliário e da instalação do Museu.

Já os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Dr. Santos Júnior há anos, e mais recentemente o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Tenente J. S. Pais de Vilas Boas, apresentaram cada qual a sua sugestão para o mobiliário.

Esta Direcção deligenciou oportunamente junto do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Constantino de Almeida, muito digno vereador cessante e presidente da Comissão Municipal de Turismo para obter verba indispensável para a aquisição de novas e mais apropriadas vitrines. Porém, nada foi conseguido.

Mas, como é natural, poque lhe cumpre e é seu dever, oportunamente voltará esta Direcção a pôr o pedido, não só de mobiliário para o Museu, mas também da construção dum edificio próprio para a instalação do mesmo, que ficaria a propósito no espaço entre a Igreja Matriz e o Largo do Apoio, zona onde se encontram todas as velharias do vulgo barcelense e onde as remeniscências do Castelo de Faria e da Citânia encontrariam o lugar a que tem jus.

E, se se atender a que o remanescente do Grupo Alcaides de Faria, pela letra expressa dos seus estatutos, é pertença do Município de Barcelos, com certeza a Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal deferirá estas justíssimas e modestas pretensões.

Há já muitos anos que as Assembleias Gerais para a eleição da Direcção ficam quase desertas, e assim se tem visto os componentes da actual Direcção, presos a este cargo, que nas circunstâncias actuais da vida portuguesa é pesadíssimo porque todos tem grandes afazeres particulares.

Pelos motivos expostos, esta Direcção desde já aqui faz um comovente apelo a todos os consócios para acorrerem à próxima Assembleia Geral a fim de elegerem uma nova Direcção que maior brilho e rendimento de trabalho venha dar à vida do „Grupo„.

A BEM DO CASTELO DE FARIA

A BEM DE BARCELOS

E

A BEM DA NAÇÃO

Barcelos, Fevereiro de 1946.

A Direcção,

*Cônego Joaquim Alexandre Gaiolas*

*Miguel Pereira Pais de Matos Graça*

*Avelino Gomes de Sousa*

*João Luis Ferreira*

*Abilio Rodrigues de Sousa*

*Francisco de Sá*

*José António Rodrigues*

Pela leitura do Relatório e Contas que então se publicaram em homenagem-postuma aos mortos e grande reconhecimento a todos os vivos que dentro do Grupo continuavam a dar o melhor do seu esforço ao Serviço-da-Grei; consola a Alma Portuguesíssima, poder constatar se que, no decurso de 17 anos sobre as Presidências dos Saudosíssimos:

Doutor Teotónio José da Fonseca

Doutor Miguel Pereira da Silva Fonseca

Conego-Prior: Joaquim Alexandre Gaiolas

- a) A colectividade tinha cumprido o seu dever no âmbito da Lei-Estatutária e fins para que foi creada.
- b) Estava imbuída da simpatia e carinho, desde as Altas Esferas Governamentais até às Distritais, Concelhias e públicas.
- c) Gozava da simpatia, carinho e culturais auxílios de Eminentíssimos Professores Universitários.
- d) Tinha um Museu Privativo instalado na Torre de Menagem, desta cidade, aberto à observação e estudo de todos os Nacionais ou Estrangeiros.
- e) No local do Castelo e Citânea tinha todas as Ruínas Existentes nas melhores condições possíveis de serem visitadas, estudadas, fotografadas ou filmadas.
- f) Nos dias de Domingo ou feriados Nacionais, tinha o Símbulo dos Alcaides — içado, quer na Torre de Mensagem, nas Ruínas do Castelo e Citânea.
- g) Mercê d' uma administração a todos os títulos zelosa, ainda tinha em Depósito na Caixa Geral dos Depósitos um apreciável saldo de contas que facilitava o prosseguimento e desenvolvimento da acção tão PATRIOTICAMENTE empreendida, coadjuvada e aureolada.

Como na parte final do Relatório se lê, a Direcção que o subscreveu fez um comovente apêlo a todos os sócios para na próxima Assembleia Geral que na forma dos seus Estatutos tinha de realizar-se em Junho de 1946, para comparecerem e elegerem uma nova Direcção «que maior brilho e rendimento de trabalho venha dar à vida do Grupo» (sic).

Ditou este comovente apêlo: a então já precária saude do falecido Presidente. Uma parte dos seus mais próximos colaboradores não poderem continuar a dar a assistência que há muitos anos vinham dando, e finalmente, a superior conveniência de enquadrar homens mais novos na valorização dos tesouros do Bem Comum que é o *Património Espiritual da Nação*.

De acordo com os Directores cessantes, sócios eleitores, nos termos e para os efeitos do Art.º 40.º dos Estatutos, em Junho de 1946, foi eleita uma nova Direcção que ficou constituída pelos Ex. mos Senhores: Joaquim Salés Pais de Vilas Boas — Presidente; Dr. Euripedes Eleasár de Brito — Vice-Presidente; Miguel Matos Graça e José Guedes da Silva Encarnação — Secretários; Artur de Sousa Bastos — Tesoureiro; Avelino Gomes de Sousa e João Luís Ferreira — Vogais.

Nos termos do Art.º 20.º e seus §§ 1.º e 2.º, no mês de Julho seguinte, a nova Direcção tomou posse e assumiu também as funções de Conservador do Museu o Ex. mo Presidente da Direcção.

O Art.º 28.º dos Estatutos homologa ao Presidente da Direcção os direitos e deveres seguintes:

- 1.º) *Convocar as Assembleias Gerais e Direcção*, apresentar as questões à apreciação destas, tomar parte nas suas discussões e votar;
- 2.º) Fazer executar as resoluções da Assembleia Geral e da Direcção;
- 3.º) Nomear Comissões que informem sobre qualquer assunto para cuja deliberação se careça de esclarecimentos;
- 4.º) Lavrar os competentes termos de abertura e encerramento dos livros de escrituração do Grupo, numerá-los e rubricá-los;
- 5.º) Assinar todas as actas, editais, ordens de pagamento, recibos, cartas, ofícios, diplomas de sócios, assinar e fazer expedir toda a correspondência official.

6.º) Representar o Grupo em todos os actos e solenidades para que seja convidado.

Da forma como estes preceitos foram interpretados e cumpridos pelo Ex.mo Senhor Presidente, muito especialmente depois de ter abandonado Barcelos, isto é, desde 1948/49 até 1959: da «apagada e vil tristeza» que veio empalidecer a metódica, frutuosa e persistente acção do Grupo até 1946, já todos os Barcelenses o devem saber pois, O Jornal «O Barcelense» em editorial da Redacção e sobre a pseudonimo de «Um Sócio Fundador» — e o «Jornal Barcelos» pela pena do prestigioso Barcelense Ex.mo Senhor Augusto Soucasseau por vezes, lamentaram o abandono a que se tinham votado os trabalhos duma Colectividade tão cara aos meios Patrióticos e Culturais do País.

Chegado a este ponto impõe-se-me a obrigação de esclarecer que o Ex.mo Senhor Presidente desde 1946 até 1959:

- a) Nunca transmitiu os seus cargos ao Vice-Presidente.
- b) Não convocou qualquer Assembleia Geral para a sua substituição.
- c) Nem ao menos se despediu dos seus colaboradores que sempre lhe prestaram a mais leal e sincera colaboração, sem contudo se julgarem vassallos perante o seu senhor.

---

Pois apesar de tudo e contra tudo o Ex.mo Senhor Antero Barreto Faria, distinto farmacêutico e Autor da «Monografia» «*Franqueira*» 1947, ao ter conhecimento dos Altíssimos Propósitos dos Eminentíssimos Chefes do Nosso Glorioso Exército, em mais uma vez homenagearem a memória dos imortais *Alcaides do Castelo de Faria*, condecorando o Estandarte que é *seu símbolo oficial*; lembrou-se logo que era preciso arranjar uma nova direcção que fosse presidida pelo mesmo Snr. Presidente! que há 10 anos voltou as costas ao Grupo e nunca da Colectividade quis saber!!

Em sua mente, o autor destas linhas também devia fazer parte da pseudo direcção. Contra tudo me insurtei verbalmente e agora faço-o por escrito. Não o faço por qualquer questão pessoal mas sim por dever de consciência cívica e patriótica, a mesma que durante mais de 20 anos me encheu o espírito de canseiras e trabalhos em busca das mesmas verdades históricas que agora se buscam e investigam, nos campos de Aljubarrota.

O Feito dos Alcaides do Castelo de Faria, a partir do ano de 1929, com o desentulhamento das Ruínas do Baluarte onde foi praticado, saíu dos domínios da lenda para incisivamente e eternamente ser inscrito no *Quadro dos Grandes Feitos Nacionais*. O patriótico Governo da Nação classificando o local de Monumento Nacional, selou eternamente o que as Crónicas de Fernão Lopes Relatavam.

O facto de, 573 anos depois desse feito, um punhado de homens que socialmente mediavam entre a categoria de empregados comerciais, funcionários públicos e modestos industriais, se conjurarem e constituírem em Grupo para n'um preito da maior gratidão arrancarem às entranhas da terra a topografia correcta da fortificação, substanciais munições, artefactos de Cavaleiros e valiosos especimes numismáticos, etc., estas verdades históricas e eternas, são factos que já pertencem à história duma Pátria e dum Povo!

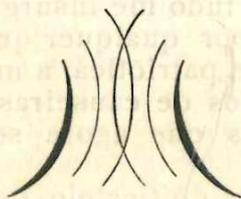
Na conturbada hora que passa podem servir de exemplo para todos os Portugueses que nas 5 partes do mundo detêm a Autoridade do Estado e velam pela Soberania Portuguesa, para estarem firmes, constantes e seguros no amor à Pátria; mas, já não podem nem devem

servir para homologar as atitudes e actos contrários à letra expressa dos Estatutos do Grupo Alcaides de Faria, como os que últimamente tiveram lugar com as pseudo eleições realizadas, contra o que aqui fica exarado o mais veemente protesto, sem prejuizo de ainda pedir providências ao Excelentissimo Senhor Governador Civil do Distrito de Braga!

Barcelos, Julho de 1959.

João Luis Ferreira

(Um dos vinte sócios fundadores)



biblioteca  
municipal  
barcelos



6947